

## EDITORIAL

*Sæculum* chega a seu décimo segundo número com mais uma novidade: a partir de agora, torna-se semestral. Depois de reinventar-se visualmente, com uma nova identidade gráfica, a revista agora se consolida ainda mais como um espaço plural, aberto aos variados campos de pesquisa e do fazer histórico.

Se surgiu como um periódico local, que dava voz e vez a docentes e alunos do Curso de Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, ainda nos idos de 1995, esse estigma hoje já não mais existe. Transformada em publicação científica não só do Departamento de História, mas também do nascente Programa de Pós-Graduação em História da UFPB criado há cerca de um ano, já faz algum tempo que *Sæculum* divulga trabalhos de pesquisadores de todos os cantos do Brasil, sobre os mais variados temas, com os mais diversos recortes temporais, espaciais e teóricos.

Esta edição, que ora chega às mãos do leitor, é uma prova dessa pluralidade e, também, das multiplicidades implícitas no ofício do historiador: saindo da mulher espartana sob a visão de Plutarco, presente no artigo de Maria Aparecida de Oliveira Silva, o leitor é levado para o mundo colonial da América Portuguesa - com o estudo historiográfico sobre o tabaco e a economia colonial de Gustavo Acioli e a presença judia no Pernambuco seiscentista descrita por Marcelo Mac Cord - e daí é arrebatado ao último quartel do Rio de Janeiro oitocentista e sua cena teatral e jornalística, através do acurado artigo de Silvia Cristina Martins de Souza. O modernismo conservador (e aparentemente paradoxal) de Menotti Del Picchia no Brasil pós-22 está no trabalho de Gilson Leandro Queluz sobre o romance 'Cummunká', enquanto a polêmica sempre atual da intolerância política aparece na análise de Cândido Moreira Rodrigues sobre o intelectual nazista Carl Schmitt. O absurdo da intolerância aparece mais uma vez no artigo de Alessandro Bracht, que esmiúça o nacionalismo radical dos skinheads e suas práticas cotidianas no Brasil contemporâneo. Quase que como contraponto a esses dois trabalhos, Alarcon Agra do Ó analisa as possibilidades abertas por Edward Said - intelectual para quem a necessidade de tolerância entre Ocidente e Oriente sempre foi a tônica de seus trabalhos - para o ofício do historiador. Já José D'Assunção Barros discorre sobre alguns aspectos da Nova História Política ao longo do século XX, especialmente aqueles relacionados à imagem e ao discurso e seus desdobramentos sobre as diversas modalidades da História em nossos dias. Abordando uma área ainda vista por muitos pesquisadores como de somenos importância - o Turismo - Elio Chaves Flores discorre sobre as relações entre

História, Historiografia, Turismo e Patrimônio, abrindo instigantes possibilidades para o aprofundamento de pesquisas neste campo ainda tão árido na academia brasileira. Por fim, voltando ao universo medieval dos vikings, Johnni Langer resenha a tradução brasileira de *Deuses e mitos do norte da Europa*, de Hilda Davidson.

Saltos de anos, décadas, séculos entre um tema e outro, entre um objeto e outro, entre um artigo e outro: as páginas de *Sæculum* servem para nos lembrar de como é fugidia a matéria com que lidamos... A História se faz, justamente, com essas mudanças, com esse multifacetado universo que nos fascina e intriga e que, felizmente, instiga-nos cada dia, mais e mais, a mergulhar em novas pesquisas neste vasto oceano. E é esse o convite que fazemos, mais uma vez, ao leitor destas páginas.

